

UM MUSEU SEM CRISE

POLÍTICA CULTURAL O MAM completa 60 anos, cresce e torna-se um modelo de sobrevivência para as instituições brasileiras

POR ANA PAULA SOUSA

Há 13 anos, Milú Villela cumpre um ritual. Em toda cidade que visita, no Brasil e no exterior, faz questão de conhecer ou rever ao menos um museu local. "A gente quer saber o que está sendo feito, conhecer novas maneiras de montar uma exposição, organizar intercâmbios. Sempre acaba aprendendo alguma coisa", diz, na pequena sala de reunião do Museu de Arte Moderna (MAM), incrustado na mais famosa área verde de São Paulo, o Parque do Ibirapuera. Há três anos, por exemplo, ela pegou um avião rumo a Tóquio só para conversar com uma curadora. "É importante ter disciplina."

Não por acaso, Milú, que, além de presidir o MAM, integra o board do MoMA, de Nova York, e do Malba, em Buenos Aires, será figura de honra nas celebrações em torno dos 60 anos do museu paulista. Foi após assumir a direção da instituição, em 1994, que o espaço, então com paredes descascadas e obras vistas por poucos teve sua sina recomposta.

Fundado em 15 de julho de 1948 por Cicillo Matarazzo, o MAM sofreu o primeiro baque em 1963, quando boa parte da coleção foi transferida para o Museu de Arte Contemporânea da USP. Em 1969, ao mudar-se para o prédio atual, o museu tinha se tornado uma instituição minguada.

Para recompor o acervo, criou-se o Panorama da Arte Brasileira. A partir dessa

mostra eram feitas as aquisições. Os critérios, porém, nem sempre eram claros. "Como não havia estrutura e propósitos definidos, cada comissão trazia um olhar para o Panorama", avalia Ricardo Rezende, curador de Panorama dos Panoramas, exposição que reúne 101 obras incorporadas ao acervo desde 1969 e que deu a largada às comemorações de 60 anos.



VIVO. Em 1997, o espaço recebeu 12 mil visitantes. Em 2007, foram 160 mil

"Apesar do forte tom político da arte nos anos 60, o que se vê na exposição é uma preocupação estética, com muita pintura, desenho e escultura. Isso mostra uma resistência às novas propostas da época", anota Rezende. "Muitas obras ficaram esse tempo todo na reserva técnica. Mesmo coisas interessantes, como o Genilson Soares, estavam esquecidas. A pergunta que nós fazemos é: quem elege e quem elimina? Que sistema perverso é esse da arte? O que vai acontecer com os artistas de 22 anos que hoje vendem caro?"

A partir de 1995, o acervo mais do que duplicou. Entender de que maneira o museu chegou às quase 5 mil obras atuais é uma boa maneira de entender os percalços e as oportunidades proporcionados pelas leis de incentivo cultural. Em meio à cantilena da falta de verbas, como um museu mantém um calendário ativo de exposições e, de quebra, enriquece sua coleção?

A chegada de Milú e a posterior nomeação de Cacilda Teixeira da Costa para a diretoria técnica e Tadeu Chiarelli para a curadoria marcam o firme propósito de investir em arte contemporânea. "Continuou a aquisição via Panoramas e incentivamos também a doação qualificada", explica Felipe Chaimovich, há um ano curador do MAM. Cada aquisição, por compra ou doação, passa por um conselho que, se-

gundo Chaimovich, recusa muita coisa. "É complicado aceitar obras que não tenham relevância para o acervo."

Em 2007, o MAM recebeu, por exemplo, uma coleção de arte postal e outra de 80 peças do polêmico artista argentino León Ferrari. Há também obras em comodato, como as de Eduardo Brandão. Além disso, os curadores identificam lacunas e, na medida do possível, procuram preenchê-las.

"O MAM tem uma coleção importante da

Ao contrário do Masp, o prédio é um terreno de artistas e curadores

Geração 80, da pintura neo-expressionista brasileira. Mas não tínhamos nenhum quadro do Jorge Guinle", relata Chaimovich. No mesmo momento em que entrou uma verba para aquisição, o curador soube que o companheiro de Guinle venderia algumas obras. Foi atrás dele. "A diretoria aprovou e uma pessoa foi lá negociar pelo museu."

O episódio evidencia, primeiro, que o MAM é um museu vivo e, ao contrário do Museu de Arte de São Paulo (Masp), por exemplo - ocupado por pessoas de pouca ou nenhuma ligação com a arte -, é terreno de artistas e curadores. Em segundo lugar, denota uma saúde financeira que o coloca na linha oposta à endividada Bienal de São Paulo e ao já citado Masp.

"Quando cheguei, faltava uma gestão profissional, o estabelecimento de metas a serem cumpridas e a disciplina orçamentária", diz Milú. Agora, as contas são rígidas.

Em 2007, 50% do orçamento foi consumido em produções culturais, 35% na administração e 15% em negócios.

Esse dinheiro vem, na maioria, das 80 empresas patrocinadoras - até 1994, eram apenas quatro - que fazem uso da Lei Rouanet. Os cursos e as lojas do museu, reproduzidas em shoppings da cidade de São Paulo, contribuem com 20% do faturamento. O repasse do Ministério da Cultura, de 1,2 milhão, em 2007, corresponde a 10%. Os 900 sócios, por 5%.

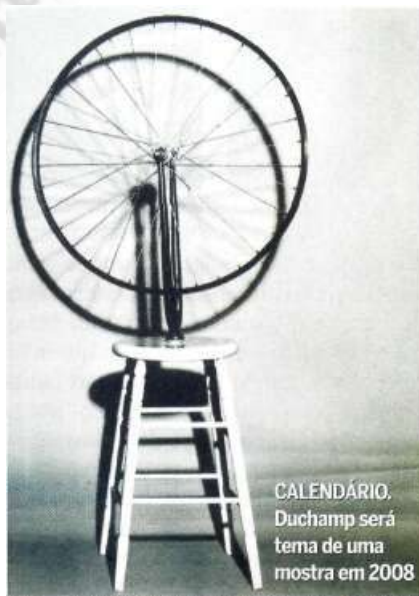
"O dinheiro do Ministério nunca sabemos se entrará ou não. Todos os anos apresentamos um projeto e ficamos na expectativa", ressalta Milú. Ela já foi ao Congresso falar com deputados e, desfazendo o estereótipo dos ricos que só querem da arte o prestígio - e nenhum sacrifício -, não hesita em bater em portas amigas. "Considero-me uma ativista que trabalha em prol da cultura, da educação. Se precisar lutar para ter verbas, eu luto, falo com as pessoas que conheço", afirma, evitando deta-



EM MOVIMENTO.
Desde que Milú Villela assumiu a presidência, o acervo mais do que duplicou

lhar as ações. "Acho que é uma conspiração do bem. Vou jantar, converso, telefone. Em toda conversa, procuro passar para as pessoas alguma informação sobre o museu."

Milú vai ao museu três vezes por se-



CALENDÁRIO.
Duchamp será tema de uma mostra em 2008

mana e, ao que tudo indica, dá palpites em exposições e acompanha de perto o dia-a-dia da instituição. "Quando cheguei aqui, tinha goteiras no teto, era meio fúnebre mesmo, parecia lugar mal-assombrado", descreve, sorrindo. E por que aceitou o convite? "Eu estava separada e achei que seria um desafio e tanto."

De tudo o que fez, o que mais parece orgulhá-la é o programa educativo, que congrega escolas, famílias e portadores de necessidades especiais em várias atividades. "As exposições são pensadas com a parte educativa", explica Chaimovich. O programa serve também de ímã para patrocinadores, pelo contorno social.

Parte do público que o programa educativo mira está no próprio parque. Muitos dos frequentadores do Ibirapuera parecem ter medo do MAM. "Tem uma

resistência historicamente construída. Os museus ainda carregam uma aura palaciana", reflete o curador. "Acho que falta uma abordagem mais simples, menos enigmática da arte contemporânea", arrisca Ricardo Rezende. Milú diz que, ainda assim, as coisas melhoraram. "Quando vim para cá, pensei que isso só faria algum sentido se eu conseguisse transformar a idéia de que só a elite vai a museus. Hoje, você vê aqui gente de bermuda, bicicleta, que veio ao parque e pára no museu."

Em 2007, o público do MAM foi de 160 mil visitantes. Em 1994, tinham sido apenas 12 mil frequentadores. Milú aposta, e espera, que a visibilidade deste ano de festas anime mais gente a conhecer a arte abrigada no Ibirapuera. O calendário de 2008 inclui uma exposição em comemoração ao centenário da imigração japonesa, uma retrospectiva de Maree Duchamp e, por fim, a exposição MAM 60 Anos. Para quem diz que a crise é um estado permanente dos museus no Brasil, uma visita ao MAM não faria nada mal. •